

Renato Suttana



## Diário de Buenos Aires

*O Arquivo de Renato Suttana*



Renato Suttana

## Diário de Buenos Aires



[http://www.arquivors.com/renato\\_diariodebuenosaires.pdf](http://www.arquivors.com/renato_diariodebuenosaires.pdf)

2013

*Copyright* © Renato Suttana, 2012  
Direitos reservados em língua portuguesa

Capa: Buenos Aires no inverno  
(foto do autor)

*... a nobody in a great throng...*  
(W. B. Yeats)



## SUMÁRIO

RECOLETA	9
AVENIDA CORRIENTES	10
BOB DYLAN NO GRAN REX	11
OS VENTOS	12
MALBA	13
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES	14
NA CALÇADA	15
PRINCÍPIO ATIVO	16
MONUMENTO AO SOLDADO	17
<i>SUBTE</i>	18
AS LUZES	19
VOLTO A DORMIR	20
O MONUMENTO	21
NAS ESQUINAS	22
<i>CALLE FLORIDA</i>	23
PEDESTRE	24
MAIPÚ 994	25
MADRUGADA	26
CEMITÉRIO DA RECOLETA	27
PASSEADOR DE CÃES	28
<i>PANADERÍAS</i>	29



## RECOLETA

O velho parkinsoniano,  
treme-tremendo na calçada,  
se esconde atrás da tabuleta:

qualquer vintém lhe será útil.  
Passam ciclistas apressados  
e decididos sobre os aros,

enquanto do alto pingam águas  
das nuvens baixas das marquises  
(incapazes de tempestades).

Pombos cinzentos, outros pretos,  
que já perderam a vergonha,  
bicam farelos na sarjeta.

Cresce no vento, desabrido,  
o ruído espesso dos motores,  
usurpando ares e silêncio;

e um cachorro levanta a pata  
para urinar contra o alambrado,  
expondo a coisa mais terrível:

os seus testículos enormes.

## AVENIDA CORRIENTES

Em meio às grandes multidões  
que vêm de todos os lugares  
e vão a todos os lugares,

e estão sempre a passar ali  
numa azáfama preocupada,  
abrem-se as bocas desdentadas

das livrarias pensativas  
(suaves cavernas de silêncio).  
Algun passante que interrompe

sua carreira em direção  
a algum destino que o convoca  
(aos mil destinos a que vai)

lá entra às vezes para olhar  
as lombadas que se enfileiram  
sobre compridas prateleiras,

como hieróglifos da aridez.  
Livros são cartas, são mensagens  
a vogar, dentro de garrafas,

sobre oceanos de distração.

## BOB DYLAN NO GRAN REX

Sem dizer *oi* quando chegou  
nem *obrigado* quando saiu  
(ou, se o disse, não ouvi bem) –

pedra que entanto ainda rola,  
produzindo um estranho som  
(quem o entende o compreenderá),

que, apesar disso e do seu peso,  
flutua ainda sobre a corrente  
do uivo incessante das guitarras

e dos trovões da bateria  
(que, invisíveis na grande sombra,  
alto-falantes exacerbam

e, ao mesmo tempo em que o destroçam,  
como que fazem naufragar) –,  
depois de ter corrido o mundo,

pousou ali, por um momento,  
como um arcanjo, à nossa frente,  
ou velho pássaro cansado

e isento, sob a luz azul.

## OS VENTOS

Vêm os ventos da Patagônia,  
soprando sobre os edifícios.  
Trazem dias de azul franzino

e uma grande necessidade  
de andar assim encorujado  
e curvo pelas avenidas,

cuja pressa porém não para  
(como um rio, que nunca cessa  
e não se cansa de fluir).

Quem os sente pensa que acorrem,  
se esforçando contra as fachadas  
e sobre as árvores lá embaixo

(que, resistentes ao esforço,  
também sofrem o seu açoite  
e a sua inadvertida adaga),

ao mais urgente compromisso.  
Vão mudar a roupa do tempo.  
Vão trocar o instável outono

pelo inverno definitivo.

## MALBA

Foi-se embora a arte mais cedo  
ou preferiu não trabalhar  
neste esquisito feriado.

Porém mandou a substituta,  
que faz ali as suas vezes,  
vestindo roupas complicadas

(muitas vezes esfarrapadas)  
que a outra já não sabe vestir  
(ou de que há muito se despiu):

os bichos industriais de Lygia  
e a inútil caixa de Oiticica  
(que se tem uma utilidade

é esta mesma de ser inútil),  
além da aguda exposição  
das agudas fotografias

que em cores ou em preto e branco,  
alinhadas sobre as paredes,  
mostram com calmo despudor

que o mundo lá fora ainda é o mesmo.

## MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

Cristo reza na solidão  
que um anjo triste, de asa preta,  
não consola – nos diz El Greco.

E há também um São Sebastião  
que poucas flechas atingiram,  
a olhar, num êxtase suspeito,

para uma Virgem taciturna.  
Branças, de corpos delicados,  
com certa ingenuidade falsa

ninfas se deixam observar  
(dão só isto a quem as perscruta).  
E eis um moinho de Van Gogh,

cercado por Monet, Renoir,  
Sisley e as lúcidas paisagens  
de Pissarro, que tudo enxerga;

e uma nativa, de Gauguin,  
sentada nua sobre a areia  
de um amarelo açafroado,

de costas para o observador.

## NA CALÇADA

Uma velha passa, falando,  
dizendo com voz silenciosa  
palavras que, se ela que as diz

compreende bem, ela que escuta  
no entanto talvez não entenda  
(embora os lábios desdentados

se movam com certa energia  
e sejam firmes as passadas,  
como as de quem sabe aonde vai –

e vai com pressa certamente).  
Passa, levando uma mensagem  
de ninguém para ninguém mais.

Quando um menino, desastrado,  
se desgarra de sua mãe  
e, numa imprevista pirueta,

em meio à fluente multidão,  
a abalroa por acidente,  
ela interrompe o obscuro diálogo

e estoura numa imprecação.

## PRINCÍPIO ATIVO

Promete muito e me dá pouco,  
mas também não espero muito.  
(Se aumento a dose, ele me abate

ou me põe fora de combate.)  
Pequeno círculo de poeira,  
não lembra o ícone de um deus

(muito menos o de Morfeu):  
talvez uma hóstia bem pequena.  
Mas, se fosse o caso, eu rezava,

porque não sou tão orgulhoso,  
e o meu brio não sobe a tanto.  
De fato, é um deus industrial,

peregrino na noite escura,  
cheia de insones pensamentos,  
em que os ares se movimentam

lá fora e, doidos, se aceleram,  
tornando o frio mais cortante;  
e, como um deus, às vezes falha,

finge que nem me ouviu pedir.

## MONUMENTO AO SOLDADO

Em meio a tantos compromissos,  
como a hesitar entre dois muros  
(pedra de um lado, pedra do outro),

se equilibrando sobre a base  
que, apesar de firme, é estreita,  
o soldado olha para a frente

e fita um ponto que só ele  
parece ver em pensamento.  
Talvez veja mais que o visível,

talvez enxergue o que de baixo  
o observador percebe mal.  
Mas, seja como for, no dia,

entre as árvores e o gramado,  
e o céu o seu tanto cinzento,  
entre o trânsito barulhento

e as fachadas envelhecidas,  
qualquer que seja o seu sentido,  
o peso da pátria afinal

o faz dobrar um pouco os joelhos.

## SUBTE

No *subte* veloz e eficaz,  
que perfura incessantemente  
o corpo gordo e penumbroso

dos espaços intermináveis,  
se trava, entre morno e apinhado  
e entre os ecos que vêm de fora,

por dentro do longo aparelho,  
o corpo a corpo do silêncio,  
que uma voz às vezes perturba.

Cada qual, com o seu silêncio,  
sabendo bem o que fazer,  
educa em silêncio o vizinho;

ou então, curvo e concentrado  
sobre o retângulo brilhante  
do telefone celular,

se ausenta e vaga para longe,  
para onde o leve uma corrente  
de números que ele, só, sabe,

ou à espera de uma chamada.

## AS LUZES

Como faróis de solidão  
sobre as torres mais elevadas,  
contra um céu pálido, cambiante,

de estrelas tímidas, sozinhas,  
na noite que entanto não dorme  
(e em que o trabalho continua

como herança diurna do sol  
percutindo o ouvido da insônia),  
piscam luzes amareladas

(às vezes brancas) entre as outras  
que perseveram calmamente  
(há escuridão só na lembrança)

na tarefa de iluminar.

E assim, enviando os seus avisos  
a quem os queira interpretar,

vão, entre os ruídos e o silêncio,  
tecendo uma teia discreta  
e gastando aos poucos a noite,

como se, mudas, conversassem.

## VOLTO A DORMIR

Depois de ter perambulado  
por um familiar labirinto  
que de novo só tem, suponho,

os pensamentos que conduzo  
a uma saída que não sei  
onde fica, em que direção

(ou de os ter, lento, apascentado  
sobre campos de um verde estranho  
e, quando muito, inexistente),

sob o frio seco de junho  
que nada me dá ou promete,  
a não ser mesmo o velho incômodo

a que me desacostumou  
o verão comprido e poeirento  
(que foi como um inverno quente),

volto a dormir no quarto escuro  
e sonho com alguma coisa  
indecidível, doido enigma

que sequestra o que sei de mim.

## O MONUMENTO

Há muitos nus no monumento,  
como se fosse mais fácil ver  
o que há por dentro da alma nua

quando o corpo está descoberto.  
E há também esse gesto ovante  
e esse atirar-se para diante

que obriga o olhar à compostura,  
mais o acúmulo, o empilhamento  
e a desordem minuciosa

de pormenores sugestivos  
que a profusão torna ainda mais  
obscuros para o transeunte.

Como se a pedra pretendesse –  
entalhada com tal cuidado –  
reter ao menos a memória

do movimento que lhe escapa,  
tudo lá solícita, impõe,  
recorta um círculo no vento,

que entretanto persiste lá.

## NAS ESQUINAS

Com seu aspecto acolhedor  
(*aconchegante* é o termo certo,  
de conotações preguiçosas),

os cafés abrem nas esquinas  
mornos oásis de esquecimento  
onde se quer permanecer.

Com um jornal ou algum livro,  
ou uma cálida conversa,  
o tempo ali transcorre menos,

consome menos uma parte  
que por certo não nos pertence,  
mas que sonhamos como tal.

Vem a moça do atendimento,  
entra a tarde pela vidraça.  
Às vezes por alguma porta

entra também o vento frio  
ou um vagaroso ancião.  
E o pensamento é todo dentro,

dentro, lá dentro, aquém do mundo.

## CALLE FLORIDA

Tal como um rio que escavou  
seu cânion entre as duas margens  
(tendo-o somente aprofundado,

mas sem força para alargá-lo),  
ali deságua a multidão,  
abalroando-se a cada passo

entre o caos das mercadorias –  
roupas, calçados, aparelhos  
elétricos, livros, brinquedos,

revistas, mais a indecifrável  
profusão das quinquilharias,  
de que a vista logo se cansa;

e tropeçando, muitas vezes,  
num mágico ou num violonista,  
ou em alguém que distribui

algum folheto já supérfluo;  
nesse lugar cosmopolita  
onde a gente encontra de tudo

e se perde, a mirar vitrines.

## PEDESTRE

O pedestre tem pouca chance  
no trânsito movimentado.  
Quando o homenzinho do semáforo

começa, impaciente, a piscar  
e passa do verde ao vermelho,  
ele deve estugar o passo

e – sem gastar um pensamento –  
lançar-se decidido adiante,  
para escapar da correnteza.

Porém às vezes acontece  
de, calculando mal o salto  
e medindo mal a distância

(enquanto à sua volta passam,  
como bólides imperdoáveis,  
ônibus, táxis, bicicletas),

quedar ali paralisado,  
como estátua de hesitação,  
entre contrárias correntezas –

*peatón* no centro do ciclone.

## MAIPÚ 994

O *subte* desemboca ali,  
próximo à Plaza San Martín,  
onde se espetam como raios

de uma roda desmantelada  
as ruas, que percorro só.  
No Museu das Armas admiro

a interminável coleção  
de pistolas, fuzis, canhões.  
(Uma antiga cota de malha

veste um cansado manequim,  
e há punhais dentro de bengalas.)  
Com um pouco de prática, penso,

se pode dominar o mapa  
destes urgentes arredores.  
Da Paraguay à Tucumán,

da Esmeralda à 9 de Julio.  
Ruas têm nomes e fachadas,  
casas têm portas e janelas:

é por dentro que os labirintos.

## MADRUGADA

São três horas da madrugada.  
Muita coisa já aconteceu.  
Mas o que falta acontecer,

mas o que falta consumir –  
mesmo sendo a noite estrelada  
e tendo os ventos se acalmado

depois que o outono foi embora –  
dá a tudo um sabor cinzento;  
e um mal-estar que não sei bem

de onde procede e entendo só  
que está lá, forçando a passagem  
através da porosidade

disto que chamo consciência,  
me põe desperto e me mantém  
assim insone no silêncio.

Através da vidraça larga  
entra o verso de uma canção  
que se esgarça lá fora: *I want to*

*know, have you ever seen the rain...?*

## CEMITÉRIO DA RECOLETA

Depois de andar entre as estátuas  
e as criptas antigas, de pedra,  
que o tempo escurece e desgasta

(quando não as parte e depreda,  
desconjuntando esses portais  
de metal preto – desgalhados),

o visitante se enfastia  
e chega à conclusão de que  
não há muito mais para ver.

Pelos cantos dormem os gatos,  
bem adaptados ao sossego  
dos epitáfios, em silêncio.

Quem mantém assim como viva  
a cidade onde ninguém mora? –  
Porém é nas tumbas ruinosas,

com aspecto de *abandonadas*  
(onde o mato cresce entre as frinchas),  
que a morte parece mais livre,

mais em casa e mais à vontade.

## PASSEADOR DE CÃES

Do bando é o macho dominante  
(não sei se os cães pensam assim,  
mas vamos admitir que pensem),

que ele conduz, sustendo as tiras  
cujas pontas se unem em raios  
no vértice da mão fechada,

através das ruas estreitas  
e no entanto bem percorridas  
por numerosos automóveis

ou cruzando ordenadamente  
as largas praças sossegadas  
do bairro velhusco e grã-fino.

Os cães o seguem em silêncio  
(cada qual sabe o seu lugar),  
bichos dóceis de apartamento,

de raças diversificadas,  
e irão para onde ele quiser.  
(Ele, no meio da matilha,

é que não vai para onde quer.)

## PANADERÍAS

A doce vida não se acaba:  
quer de algum modo continuar  
para além das vitrines claras

e das ruas que o sol domina  
e onde uma ríspida energia  
põe limite à nossa ilusão

(como o pomos a algum brinquedo  
que amaríamos prolongar)  
de que as coisas sejam assim.

Quer de algum modo prosseguir  
entre o vigor do dia, extremo,  
e as horas cheias de rumor,

poeira, destino e direção. –  
Para além das vitrines claras  
que são como cristais de gelo

protegendo suaves tesouros,  
suaves promessas de inefável –  
e o que dura por um momento

e logo se desfaz na luz.

*Buenos Aires, 21-3/28-7-2012*

